

"A DIVINA VICTIMA DO GOLGOTHA": O SENHOR DOS PASSOS DE ARACAJU

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Resumo:

Esse artigo tem como foco a discussão sobre a imagem do Senhor dos Passos da Igreja São Salvador de Aracaju, com o propósito de analisar a autoria e os diferentes usos da memória coletiva sergipana no âmbito da história da arte e das práticas de sociabilidades.

Palavras-chave: arte, patrimônio, autoria.

Summary:

This article focuses on the discussion of the image of the Lord of the Steps of the Church of San Salvador de Aracaju, with the purpose of analyzing the authorship and the different uses of the Sergipe collective memory within the history of art and social practices.

Key words: art, patrimony, authorship.

11 de abril de 2014. Era fim de tarde. Predominava o tempo fugaz. Pessoas deslocavam-se de um lado para o outro, imersas no consumo. Como andarilho passava apressado entre os calçadões das ruas João Pessoa e Laranjeiras. Em meio aos burburinhos do comércio e dos pedintes, ouvi ecoar um cântico quaresmal: “pecador, agora é tempo de pesar e de temor /

¹ Professor Adjunto da UFRN. Doutor em História pela UFF.

Serve a Deus, despreza o mundo, já não seja pecador”. Era a missa do fim de tarde na Igreja de São Salvador. Uma missa especial, da véspera da Sexta-feira das Dores.

Ao ouvir o lastimoso cântico passei a refletir sobre a pertinência de convocar os pecadores do comércio, do mundo dos negócios e das relações humanas líquidas para o templo da tradição aracajuana, ermida onde teve início a vida católica da nova capital, com as celebrações da santa missa e das pomposas procissões. Lembrei também que é a Igreja de São Salvador o abrigo de uma das imagens mais veneradas da cidade: o Senhor dos Passos.

Resolvi então, retornar e adentrar no templo centenário. A missa já havia sido finalizada e assim pude contemplar uma cena singela, com o andor do Senhor dos Passos pronta para a procissão do Domingo de Ramos, cercado de devotos ajoelhados, suplicando bênçãos e chorando seus dramas. Na bela Aracaju menina, das ruas planejadas e de ares cosmopolita, ainda havia espaço para as tradições do catolicismo piedoso por meio da contemplação da bela face ensanguentada do Nazareno.



Senhor dos Passos da Capela São Salvador. Aracaju. Foto: Magno Santos, 2014.

A imagem do Senhor dos Passos ainda é uma das principais devoções do povo aracajuano e isso pode ser comprovado pela frequência cotidiana de fiéis ao templo, muitas vezes deixando singelas formas de agradecimento pelas graças alcançadas. Não é raro encontrar no nicho do Nazareno dezenas

de fitas devocionais, santinhos e velas como pagamento de promessas. O olhar agonizante do cristo flagelado atrai a piedade dos católicos que visitam o centro da capital sergipana, especialmente os segmentos das camadas populares.

Todavia, apesar da notável devoção, a Procissão do Encontro realizada sempre no Domingo de Ramos passa quase despercebida, sem atrair a atenção da grande massa de devotos e da imprensa local. Na noite escura de domingo, a imagem do Senhor dos Passos, vestido em sua túnica púrpura, desfila silenciosamente pelas ruas do centro da jovem capital em direção a Catedral Metropolitana para o doloroso encontro com a imagem da Doce Mãe da Soledade. Uma tragédia despojada de luz e, até certo ponto, de grande número de testemunhos.



Figura II: Imagem da Virgem da Soledade da Catedral de Aracaju: Fonte: Pascom catedral, 2017.

Observando-se os silêncios acerca da Procissão do Encontro de Aracaju no século XXI podemos até olvidar os templos gloriosos dessa solenidade que marcava a paisagem urbana da cidade. A referida procissão é realizada na cidade desde o final do século XIX e ocorria sempre no entardecer do Domingo de Ramos. Provavelmente essa celebração tenha sido criada na nova capital no intuito de dotá-la de solenidades que remetessem à tradição do povo sergipano. Por esse motivo, naquele tempo, o leque devocional da cidade estava atrelado à imagem do Cristo sofredor.

De um lado, a grandiosa festa de Bom Jesus dos Navegantes com a imagem do crucificado, que descia a Colina do Santo Antônio para desfilar solenemente no estuário do rio Sergipe. Por outro, o Senhor dos Passos, com seu olhar de agonia e rosto ensanguentado, esmagado pelo peso do madeiro, exposto no altar lateral da Igreja de São Salvador. Entre as duas devoções ao sofrimento do Cristo humanizado, encontrava-se o mistério da Virgem da Conceição, patrona da cidade.

Na Aracaju criada para representar o Sergipe moderno, a civilização, o porvir; as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade expressavam a tradição. As devotas imagens foram esculpidas em Sergipe na segunda metade do século XIX e tiveram como autor um dos mais renomados escultores de São Cristóvão, Manoel Serapião Pereira Leite. Esse artista, conhecido em sua terra natal por Neco Pintor, foi incluído no seletivo grupo de sergipanos ilustres de Liberato Bittencourt.

Nas palavras do biógrafo, Neco “tinha um jeito especial para a escultura e sem a precisa educação técnica, porque em Sergipe não existia

escola apropriada, Neco dedicou-se a trabalhos em madeira, no que chegou a ser perfeito” (BITTENCOURT, 1913, p. 194). A classificação das obras artísticas de Manoel Pereira Leite como perfeitas talvez tenha sido o motivo central de incluí-lo entre os homens dignos de serem mencionados em sua obra, permeada pela menção a homens de letras e autoridades políticas.

Liberato Bittencourt preocupou-se em descrever a escultura do Senhor dos Passos da capela de São Salvador. De acordo com o escritor,

No Aracaju há, feito por ele, a imagem do Senhor dos Passos, bela representação do Nazareno, sob o peso da cruz, narinas dilatadas pelo cansaço, membros delicados, numa tensão extraordinária de esforço, uma legítima obra de arte enfim, digna de figurar nos mais ricos templos da cristandade. Uma outra obra sua de valor é a Virgem Mãe, a *Soledade*, como lhe chamam os católicos em Aracaju, formosa mulher de raça hebraica, perfeita nas suas formas e na expressão cativante de sua dor profunda. Em Laranjeiras existe uma linda imagem de S. Paulo, obra de Neco, de um artista que nunca estudou geometria, que nenhuma idéia havia de anatomia, completamente ignorante de sua grande capacidade artística (BITTENCOURT, 1913, p. 195).

É instigante o fato de uma das mais belas expressões artísticas de Sergipe oitocentista tenha vindo das mãos de um talentoso escultor cristovense. Sem ter acesso aos estudos e sem conhecer os rigores normativos das grandes escolas de belas artes, Neco Pintor buscava expressar a divindade a partir dos elementos que o cercava: as imagens sacras de sua terra natal, alvo das devoções do povo sergipano e os dramas da miséria humana. Com isso, o esquecido artista sergipano expressou sua genialidade ao recriar o drama divino respaldado pela experiência social dos sofrimentos terrenos, com a Mãe que mergulha na dor ao contemplar o Filho a caminho do Calvário. O Senhor dos Passos na capela de São Salvador é o

espelho dos martírios que afligem o povo sergipano: nobre na alma, ferido na carne.

Referência

BITTENCOURT, Sampaio. *Brasileiros Ilustres: sergipanos ilustres*. Rio de Janeiro: Typ. Gomes Pereira, 1913.

SANTOS, Magno F. J. As perpécias do pavoroso drama do Gólgota. *Mnemosine Revista*. Vol 2, n. 1, 2011, p. 87-100.